



## A FORMAÇÃO DO COMPLEXO AÇUCAREIRO NO NORDESTE BRASILEIRO NO PERÍODO COLONIAL E SUAS INFLUÊNCIAS NO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO-CULTURAL

Raquel Perim de Almeida Colombo<sup>1</sup>, Luciene Maria Pires Pereira<sup>2</sup>,  
Veroni Friedrich<sup>3</sup>

**RESUMO:** Este trabalho tem por objetivo avaliar o processo de instalação do complexo açucareiro no nordeste brasileiro e as suas influências na formação da sociedade colonial. Pretende-se também verificar os elementos econômico-culturais da sociedade açucareira colonial que se fazem presentes na sociedade brasileira contemporânea a partir da leitura e análise de autores como Gilberto Freyre, Caio Prado Jr. e Sérgio Buarque de Holanda.

**PALAVRAS-CHAVE:** Colonização do Brasil; Complexo açucareiro; Elementos econômico-culturais da Sociedade Contemporânea.

### 1 INTRODUÇÃO

Até 1530, Portugal dedicou-se à exploração de alguns produtos de sua colônia na América, sendo que o pau-brasil foi o produto que mais interessou à metrópole nos primeiros anos de colonização do Brasil. Como relata Lapa (1982), a região era rica em recursos naturais, mas a exploração destes recursos demandavam investimentos e no momento a que nos referimos os portugueses estavam com suas atenções voltadas para o comércio com o oriente e a exploração do litoral da África.

A chegada dos portugueses ao Brasil não provocou o mesmo efeito da chegada ao Oriente, rica em especiarias e artigos de luxo. Num primeiro momento, os portugueses não viram no Brasil a possibilidade de riqueza imediata, de encontrarem os rentáveis produtos que existiam nas Índias (ou Oriente). A região possuía inúmeras riquezas naturais, como atestou Pero Vaz de Caminha, em sua carta ao rei de Portugal. Porém, a exploração destas riquezas implicaria investimentos.

Como Portugal nesta ocasião estava com suas atenções voltadas para o lucrativo comércio com o Oriente e a exploração do litoral africano, obtendo altos lucros sobre o comércio de produtos orientais, seria inviável transferir recursos, embarcações e homens para as novas terras sem a garantia de compensação financeira. Por isso, a Coroa portuguesa acabou não efetivando a colonização e o povoamento do Brasil nos primeiros trinta anos após a chegada de Cabral. (LAPA, 1982, p. 06).

Segundo Lapa (1982), alguns países europeus não se concordaram com o tratado de Tordesilhas, como a França, por exemplo, e realizaram expedições ao litoral brasileiro colocando em questionamento o domínio português, baseados no “uti possidetis” (direito de posse). Para garantir a posse do território, os portugueses enviaram as primeiras expedições ao Brasil.

Porém foi a partir de 1530, com a decisão de ocupar e colonizar de fato sua possessão americana, que a Coroa portuguesa optou pela instalação de uma estrutura voltada para a produção de açúcar, produto com alto valor no mercado mundial do período. Dessa forma, Portugal buscou integrar o processo de colonização do Brasil ao seu desempenho competitivo nas relações comerciais mundiais.

Portanto,

Para entendermos o processo de colonização do Brasil a partir de 1530, é preciso compreender que as bases sobre as quais se estruturou essa colonização estavam inseridas no contexto da expansão comercial europeia. Isso significa dizer que a colonização do território brasileiro foi planejado dentro do projeto de ampliação do poderio comercial lusitano. Fazia-se necessário fazer uma exploração econômica que possibilitasse um retorno a curto prazo. (PEREIRA, 2010, p.106).

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de História do Centro Universitário Cesumar – UNICESUMAR, Maringá – PR. Bolsista PROBIC-UniCesumar. E-mail: quelperim@yahoo.com.br.

<sup>2</sup> Docente no curso de História, modalidade EAD, da UniCesumar. Graduada em História pela Universidade Estadual de Maringá. Especialista em História Econômica pela Universidade Estadual de Maringá. Mestre em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho-UNESP/FCL de Assis-SP. Membro do Grupo de pesquisa GAPDH (Grupo de Apoio a Pesquisa e Docência em História). Membro da Sociedade Internacional de Estudos Jesuítos (SIEJ). E-mail:luciene.pereira@unicesumar.edu.br.

<sup>3</sup> Graduada em História. Especialista em Religiões e Religiosidades. Mestre em Patrimônio Cultural. Docente do Departamento de História - Unicesumar. Membro do Grupo de Pesquisa GAPDH (Grupo de Apoio à Pesquisa e Docência em História), pela UniCesumar.



Além disso,

Com a necessidade de garantir posse da terra, frente à ameaça dos franceses, e de abrir novos horizontes para a economia portuguesa devido à diminuição dos lucros sobre o comércio de produtos orientais, a Coroa Portuguesa iniciou a colonização efetiva do Brasil em 1530, com Martin Afonso de Souza, que fundou a primeira vila do Brasil, São Vicente, no litoral do atual estado de São Paulo, trouxe as primeiras cabeças de gado bovino e construiu o primeiro engenho de açúcar em terras brasileiras”. (LAPA, 1982, p. 07)

Diante do exposto, entendemos que a colonização do Brasil aconteceu por motivos econômicos e políticos e, uma vez que não haviam sido encontrados metais preciosos no litoral, o produto escolhido foi a cana-de-açúcar. O produto possuía grande possibilidade de lucro, pois era muito apreciado na Europa, além de no Brasil haver clima e terras favoráveis ao seu plantio e produção. Além disso, os portugueses tinham experiência de seu cultivo nas ilhas do atlântico.

Para atender a tais necessidades, a Coroa Portuguesa associou-se a burguesia mercantil, optando então pela exploração agrícola da cana-de-açúcar, uma vez que esse produto oferecia grandes possibilidades de lucro, em virtude da grande procura e seu preço na Europa. Além disso, havia no Brasil abundância de terras férteis e clima favorável ao seu plantio e os portugueses já tinham experiência do cultivo da cana em ilhas do atlântico. Os holandeses também foram fundamentais, pois garantiram os investimentos necessários, posto que Portugal não possuía, naquele momento, recursos suficientes. A instalação da empresa agrícola colonial destinava-se a tender às necessidades de lucros da metrópole e de sua burguesia. Para dar lucros satisfatórios e garantir o sucesso econômico da colonização, o açúcar precisava ser produzido em larga escala. Os investimentos necessários instalação de um engenho tornava a atividade impossível ao pequeno produtor. Dessa forma, a grande propriedade é uma característica da produção açucareira. (LAPA, 1982, p.08).

Lapa ainda afirma que o engenho se estabeleceu de forma coesa na economia da colonização lusitana entre os séculos XVI e XVII, onde foi desenvolvido todo o processo de produção desde o plantio à embalagem do produto final, constituindo-se de um conjunto de construções representadas pela casa grande, capela, senzala e casa de engenho. Neste contexto, a estrutura social do Nordeste brasileiro estava centrada na figura do grande proprietário rural, que exercia seu domínio sobre sua família, empregados, escravos e sobre a região na qual estava o engenho.

A instalação do complexo açucareiro no Nordeste brasileiro possibilitou o desenvolvimento de uma sociedade baseada em elementos diversos e complexos, resultando na criação de uma cultura diferente do que se observava na Europa.

Essa sociedade com uma cultura diversa foi resultado de um processo de aproximação entre os elementos humanos presentes no Brasil à época da colonização e a chegada do elemento europeu e africano a partir da “descoberta” deste território no século XVI.

## 2 MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa a ser realizada será do tipo exploratória, objetivando conhecer melhor o problema, aprimorando as ideias, por meio do levantamento bibliográfico e documental. A fim de alcançar nossos objetivos, a pesquisa será fundamentada no materialismo histórico dialético. Será realizada a análise crítica das obras Casa Grande e Senzala, Raízes do Brasil e Formação do Brasil Contemporâneo.

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Gilberto Freyre, com a publicação de Casa Grande e Senzala em 1933, foi quem chamou a atenção para a relevância da convivência entre as culturas diversas existentes no Brasil no século XVI para o processo de formação do país, sobretudo no que dizia respeito à convivência entre os negros africanos e o branco europeu.

Com sua análise, o que este autor pretendia era evidenciar e valorizar a diversidade e mestiçagem do povo brasileiro, destacando as vantagens da nossa raiz étnica inter-racial na medida em que essa característica nos habilitava a mostrar para as demais nações que os conflitos oriundos da convivência entre várias “raças” e etnias contribuíam para o fortalecimento do país. De acordo com Freyre, “em tudo que é expressão sincera de vida, trazemos quase todos a marca da influência negra”. (FREYRE, 1998, p. 283).

Sérgio Buarque de Holanda também procurou analisar a sociedade colonial com objetivo de avaliar os elementos que marcaram o processo de formação do Brasil desde a colonização europeia até o momento no qual



ele escrevia: a década de 1930. Com esse objetivo, lançou em 1936 o livro *Raízes do Brasil*, uma obra na qual apresentou sua visão em relação as contradições presentes na evolução histórica do Brasil.

A teoria de Sérgio Buarque era a de que o Brasil, já na década de 1930, não foi capaz de atingir um desenvolvimento urbano-industrial nos moldes das sociedades europeias devido às contradições resultantes da conjunção das culturas diversas presentes no interior do Brasil a partir do processo de colonização do século XVI (HOLANDA, 1995). Nesse sentido, ao contrário de Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda considerou um aspecto negativo o enraizamento da cultura portuguesa no Brasil ao longo da colonização.

Ainda na década de 1930, Caio Prado Jr. desenvolveu uma análise da evolução política e econômica do Brasil na qual buscava destacar a ação política das camadas populares da sociedade brasileira. Segundo o autor, “na nossa história os heróis e os grandes feitos não são heróis e grandes feitos senão na medida em que acordam com os interesses das classes dirigentes, em cujo benefício se faz a história oficial...”. (PRADO JR., 2006, p. 08).

Caio Prado Jr. discutiu o processo de colonização do Brasil na sua obra *Formação Econômica do Brasil* de 1942 numa tentativa de provar e explicar porque, no período em que escreve, o Brasil ainda não havia conquistado de fato sua independência, no sentido pleno da palavra. Nessa obra, o autor demonstrou que o Brasil do século XX era resultado da sobrevivência de elementos característicos da sociedade colonial na sociedade contemporânea. (PRADO JR., 2004).

Os três autores apontados servem de base para a análise à qual se pretende esse projeto, na medida em que seus estudos acerca da sociedade colonial apresentam elementos importantes para a compreensão da mesma, levando-se em consideração é claro, o respectivo contexto histórico em que foram produzidas.

Apresentado aqui de maneira sucinta, o contexto apresentado nos oferece aspectos históricos importantes para a compreensão da formação da sociedade brasileira contemporânea, permitindo-nos avaliar o processo de evolução político, econômico e cultural do Brasil até os dias atuais, além de verificar quão intrínseca a cultura criada no Brasil colonial faz-se presente na nossa realidade.

## REFERÊNCIAS

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 34º ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LAPA, José Roberto do Amaral. **O antigo sistema colonial**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

PEREIRA, Luciene Maria Pires. **As Sesmarias Em Portugal E No Brasil**: a colonização do Brasil analisada por meio das cartas de doação e dos forais. História. Assis: UNESP, 2010. (Dissertação de Mestrado).

PRADO JR., Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo**: colônia. São Paulo: Brasiliense, 2006.